

# Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira  
Proprietária: Casa Publicadora Angolana  
Redacção e Administração: Missão Adventista  
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo  
Lépi  
NÚMERO AVULSO . . . . . 2\$00  
ASSINATURA ANUAL . . . . . 20\$00

Ano I — Número 2

Fevereiro de 1963

## Doze razões porque devemos frequentar fielmente a Igreja

1.º O ir à igreja dá a Deus uma oportunidade especial de nos falar pelo Seu Santo Espírito.

2.º O ir à igreja dá provas de que compreendemos que à restauração das forças espirituais deve ser dada prioridade sobre o repouso físico no Sábado.

3.º O ir à igreja oferece-nos a oportunidade de dar testemunho às nossas famílias e àqueles com quem nos associamos de que Deus ocupa nas nossas vidas o primeiro lugar e de que a Sua vontade tem precedência sobre a das nossas relações terrenas.

4.º O ir à igreja mostra ao mundo que somos cristãos observadores do Sábado. Este é um testemunho silencioso mas poderoso em favor da nossa fé.

5.º O ir à igreja ajuda-nos a conservar-nos em ordem com Deus. Se negligenciamos assistir aos cultos, tornamo-nos gradualmente descuidados e tendemos a desculpar os nossos pecados.

6.º O ir à igreja alivia o fardo do ministro e dá-lhe coragem, habilitando-o assim a fazer uma obra mais forte para Deus.

7.º O ir à igreja constitui uma força para o programa missionário da mesma. O estar na casa de culto não só nos inspira ao serviço mas dá-nos uma oportunidade para providenciar apoio financeiro para a obra das missões.

8.º O ir à igreja enfraquece a nossa tendência para criticar. Somos sempre lentos em criticar um programa com o qual estamos intimamente identificados.

9.º O ir à igreja ajuda a familiarizar-nos com as normas da mesma, e dá-nos força para vivermos de acordo com essas normas.

10.º O ir à igreja ajuda a observar convenientemente o Sábado. Se permanecermos em casa, Satanás muitas vezes tenta-nos com pensamentos e planos mundanos.

11.º O ir à igreja atrai-nos para mais íntima comunhão com os que têm a mesma fé e reduz assim o perigo de apostasia, tanto para os outros como para nós.

12.º O ir à igreja é um voto a favor de que a igreja continue no mundo a sua obra ganhadora de almas. A ausência é um voto para que se feche a igreja.

R. J. Roy

# Urgência do Nosso Trabalho

por Ernesto Ferreira

Ao estudarmos a vida de Jesus, ficamos surpreendidos com a actividade por Ele dispendida durante os três anos e meio do Seu ministério público.

Consta que Sócrates ministrou durante quarenta anos, Platão durante perto de cinquenta anos e Aristóteles durante outros quarenta. O seu ministério limitou-se ao ensino e a influência deste não ultrapassou o âmbito de um restrito número de estudiosos.

Se examinarmos os últimos anos da nossa própria vida, verificaremos que, em muitos casos, já dedicámos ao trabalho mais tempo do que o Mestre e os resultados têm sido insignificantes.

E, no entanto, naqueles três anos e meio, Jesus, ensinando, curando, despertando o povo, realizou uma obra que, inegalável no campo nacional, conserva ainda hoje a sua actualidade a vinte séculos de distância e atinge com a sua influência os mais afastados confins da terra.

Qual o segredo humano da incomparável obra realizada por Jesus? Ele mesmo o revela nestas palavras dirigidas a Seus discípulos: «A Minha comida é fazer a vontade d'Aquele que Me enviou, e realizar a Sua obra». (João 4:34). Noutra ocasião disse o Mestre: «Convém que Eu faça as obras d'Aquele que Me enviou enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar». (João 9:4). Era a consciência de ter sido enviado pelo Pai a fim de realizar um trabalho importante e urgente que Lhe inspirava a tensão sob que viveu durante o breve tempo do Seu ministério público.

Como sucedeu com Jesus, se queremos realizar o trabalho que nos foi confiado, temos de realizá-lo com urgência. Convém que nós façamos a obra d'Aquele que nos enviou enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar.

Este pensamento aplica-se, em primeiro lugar, à nossa vida individual.

Enquanto desfrutamos de saúde, do vigor das nossas faculdades, ainda é dia. Mas, ai de nós!, a noite se aproxima rapidamente. Nossas energias vão diminuindo, nosso momento de oportunidade vai desaparecendo.

Não dispomos de nossa saúde física e intelectual. De um momento para o outro, como tem sucedido a tantos que nos precederam, podemos ficar impossibilitados para o trabalho.

Por outro lado, não sabemos quanto tempo ainda viveremos. Muitos anos? Alguns meses apenas? Apenas alguns dias ou horas? Quantas pessoas bem intencionadas viram frustrados por uma súbita morte os seus projectos de mais eficiente trabalho!

Mas se convém, sob o ponto de vista da nossa vida individual, que façamos a obra d'Aquele que nos enviou enquanto é dia, isso é igualmente verdade sob o ponto de vista mundial. Por enquanto ainda é dia, mas a noite vem, quando ninguém pode trabalhar.

Por enquanto ainda estão abertas as portas à pregação do Evangelho. Ainda podemos livremente levar as boas novas a aqueles a favor dos quais fomos chamados a servir. Mas, por diversas razões, isso se tornará cada vez mais difícil. Ao nosso tempo se aplicam sem dúvida as palavras do Apocalipse: «O Diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que tem pouco tempo.» (Apoc. 12:12).

Em países onde há anos se podia trabalhar livremente, estão hoje por completo fechadas as portas. Noutros países, onde se podia trabalhar em condições favoráveis, hoje a obra do Evangelho tem de ser feita sob condições difíceis.

A história deste Mundo aproxima-se do seu fim. Temos ainda uma grande obra a realizar. Urge preparar os homens para o conflito iminente que precederá a vinda de Jesus e «purificar

(Continua na pág. 11).

# O "SAL" DA ÁFRICA

R. J. WIELAND

Na sociedade africana há fermentos em operação que a estão corrompendo e arruinando. A embriaguês, a prostituição, o suborno, confrangedora pobreza e violência infectam as grandes cidades, vilas e aldeias de África como uma chaga cancerosa e corrosiva. A África necessita de algo que detenha este processo de decadência moral no meio das suas raças e nacionalidades.

Jesus diz hoje à Sua Igreja remanescente: «Vós sois o sal da terra» (Mat. 5:13). Nos tempos bíblicos, não havia frigoríficos nem processos de conservar a comida em vasilhas hermeticamente fechadas como hoje sucede. Os alimentos estragavam-se depressa no caso de não serem comidos. O sal era usado como o grande preservativo. A ideia de Jesus é que a Sua Igreja na terra deve ser o elemento adicionado à sociedade para deter o seu processo de putrefacção e corrupção. O Seu povo deve exercer uma influência profunda e ampla para bem sobre as nações em cujo meio vive.

O sal necessário para preservar certa quantidade de comida podia ser muito menor do que a própria comida. Assim o povo de Deus pode ser pequeno em número quando comparado com os milhões de pessoas no meio das quais habita; mas a sua influência sobre «a terra» não deve ser computada em relação com a sua pequenez em número.

Na realidade, Jesus não expressa preocupação alguma acerca do *número* do Seu povo. A preocupação real das Suas observações acerca dos Seus discípulos serem o sal da terra é que eles devem ser verdadeiros no carácter e positivos na sua influência espiritual: «Mas se o sal for insípido com que se há-de salgar? Para nada mais presta, senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens.»

Noutros termos, se o sal da Sua Igreja se torna tão insípido que perde

a sua própria virtude preservadora, que pode ser feito para o restaurar? Em tal caso, como pode a necessitada «terra» (que é a sociedade humana) ser «salgada» ou preservada? Nenhuma outra organização pode substituir a Igreja como «sal da terra!» Pessoas que têm viajado na Síria e Palestina referem que é comum o sal perder o seu «sabor» ou salinidade, e tornar-se assim inútil. Nos nossos dias, o sal é tão bem refinado na produção que não experimentamos frequentemente a sua falta de salinidade. Mas não sucedia assim nos tempos antigos. Um viajante alemão escreve: «Como foi observado por Maundrell há 200 anos, tem também sido observado muitas vezes em nossos dias que o sal perde algo da sua salinidade nos armazéns da Síria e da Palestina. Junto num estado de impureza, passa com outras substâncias por um processo químico, mediante o qual se torna na realidade outra espécie de substância, embora mantenha o seu aspecto anterior». (Ver *Expositor's Greek New Testament*, vol.1, pág. 102).

Uma pessoa pode ter toneladas e toneladas de tal sal sem salinidade amontoadas no seu armazém, todo o qual pode parecer exteriormente idêntico em absoluto ao bom sal. Mas na realidade não presta nem sequer para adubo das terras. Seu único uso possível é ser empregado para reparar estradas, «para ser pisado pelos homens». «Que decadência: de salvador da sociedade tornou-se material para ser pisado aos pés!» (*Ibid.*)

Notai que o motivo real por que o sal podia perder a sua salinidade é que era «junto num estado de impureza» tornando possível «um processo químico» de transformação.

Se «colhermos» almas para o baptismo sem as preparar convenientemente para uma verdadeira morte, sepultamento e ressurreição com o Senhor Jesus, estamos nós mesmos preparando o ca-

minho para um misterioso processo de degeneração e apostasia espiritual interior comparável ao processo químico que arruinava o sal nos tempos de Jesus.

Na medida em que o amor do próprio eu permaneça activo em nossos corações há impureza misturada no nosso «sal». Esse corrosivo amor do eu pode tirar à Igreja remanescente o sal, e torná-la insípida e inútil como preservativo do mundo. Podemos continuar a encher o armazém do mundo, ocupando parte do lugar atribuído à Igreja remanescente, e parecendo como o genuíno «sal da terra», e ao mesmo tempo o nosso testemunho ser viciado e anulado, e a nossa influência positiva e directa ser gradualmente cancelada.

Qual é o significado do verdadeiro baptismo? Pode ser que muitos que estão sendo imergidos na água não estejam *sendo verdadeiramente* baptizados. «Não sabeis que todos quantos fomos baptizados em Jesus Cristo fomos baptizados na Sua morte? De sorte que fomos sepultados com Ele pelo baptismo na morte... O nosso homem velho foi com Ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado.» (Rom. 6: 3-6).

«A prova do discipulado não é tão exigida como devia daqueles que se apresentam para o baptismo. Devia compreender-se claramente se aqueles que professam estar convertidos estão simplesmente tomando o nome de adventistas do sétimo dia, ou se estão tomando a sua posição ao lado do Senhor para saírem do mundo e se separarem e não tocarem nada imundo. Quando dão evidência de que compreendem perfeitamente a sua posição, devem ser aceites.»—*Testemunhos para os Ministros*, pág. 128.

«A admissão de membros que não foram renovados no coração e reformados na vida é uma fonte de fraqueza para a Igreja. Este facto é muitas vezes ignorado. Alguns ministros e igrejas estão tão desejosos de obter um aumento em números que não dão fiel testemunho contra hábitos e práticas não-cristãos. Não se ensina aos que aceitam a verdade que não podem com segu-

rança ser mundanos na conduta ao mesmo tempo que são cristãos no nome. . . . A opinião pública favorece uma profissão de cristianismo. Pouca abnegação ou sacrifício próprio são requeridos a fim de se revestirem de uma forma de piedade e de ter o nome registado no livro da Igreja. Por isso muitos se unem à Igreja sem primeiro se terem unido a Cristo. Nisto Satanás triunfa. Tais conversos são seus mais eficientes agentes. Servem de armadilha para outras almas. São falsas luzes, enganando os incautos para a perdição.»—*Testemunhos*, vol. 5, pág. 172.

Não há nada de mal nos números como tais; «Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigénito, para que *todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.*» O sacrifício que Jesus fez foi suficiente para remir cada uma dos milhões de almas do continente africano; e Ele quer que «*todos os homens se salvem*» (I Tim. 2:4). Mas precisamente porque Ele amou de tal maneira o mundo e quer que *todos* se salvem devemos ser-Lhe fiéis ao preparar os nossos conversos para um baptismo verdadeiro e genuíno. Se o número de adventistas do sétimo dia não convertidos, «insípidos», fosse como a areia do mar em multidão, nenhum progresso genuíno em apressar a vinda de Cristo seria realizado. Como acima lemos, se isso sucedesse, apenas «Satanás triunfaria». Seriam umas pedras de tropeço para a verdadeira evangelização de Africa. O sal sem salinidade de uma igreja insípida apenas suscitaria o escárneo das pessoas pensantes de Africa, que relegariam o sal inútil para ser «pisado pelos homens»,—não porque estes perseguissem o povo de Deus, nem porque respeitadamente ouvissem a sua mensagem, mas porque simplesmente os *ignorariam*.

O «sal» da Igreja remanescente é o princípio da cruz. Compreendida claramente, aceita sinceramente, vivida plenamente em ministério abnegado e cristão, proclamada positiva e poderosamente à Africa moderna pela Igreja remanescente, esta verdade da cruz será o único preservativo numa sociedade em degeneração.

# Fazei prova de Mim

Experiências acerca do Dízimo

## Um membro fiel

Tenho na minha área um homem que cada Sábado nunca se esquece de dar o dízimo do que ganhou durante a semana.

Tem oito filhos em casa, todos eles bem alimentados e vestidos. Desses oito filhos, seis andam na escola. Ele paga todas as propinas de seus filhos, sem grande custo.

Tem uma boa casa telhada e bem feita. Não possui uma grande lavra; tem apenas uma horta. Desta horta cada semana sai a quantia de 150\$00 a 200\$00. O que admiramos é que nunca passa um Sábado sem que ele dê o seu dízimo com alegria.

Todos admiram como ele consegue achar tanto dinheiro sem grande lavra e ainda consegue trazer a sua família bem vestida. O segredo está em que, quando provamos a Deus, Ele cumpre as Suas promessas.

Diniz Capiñala

## A morte de quatro bois

Um membro tinha uma lavra, da qual colheu trinta sacos de milho. Um dia levou esses trinta sacos ao comerciante para lhe vender o milho, e aquele comprou-o por 3.000\$00.

Quando esse membro chegou a casa, a esposa disse-lhe: «Vamos pagar o dízimo». Mas ele respondeu: «Não! Temos falta de bois; vamos comprá-los.»

Ele foi para Quilengues e ali comprou quatro bois.

Depois de voltar muito contente para a sua aldeia, passada uma semana começaram a adoecer os quatro bois e acabaram por morrer todos.

Na Semana de Oração este membro confessou a sua falta e prometeu ser, para o futuro, fiel a Deus no dízimo.

Ricardo Ecupe

## Não vale a pena desobedecer

Havia uma irmã muito fiel no pagamento do dízimo. Logo que tinha os seus lucros, apresentava ao Senhor a décima parte deles. Quando ia à loja com uma quinda de farinha de bombom, reservava para o Senhor o seu dízimo.

Com o andar do tempo, Satanás começou a entrar no seu coração e ela passou a imitar as outras que não eram fiéis no dízimo.

Últimamente Deus tirou-lhe toda a benção que ela tinha: as lavras produziam pouco, a roupa ia faltando e ela tornou-se completamente pobre.

Um dia eu disse-lhe as seguintes palavras: «Quando a irmã era fiel perante Deus, pagava os seus dízimos e Deus a ajudava. A sua vida era fácil e agora está atrapalhada.»

Esta irmã ouviu o meu conselho e começou de novo a dar o dízimo. E a sua vida começou a regular-se como dantes. Deus ajuda os que Lhe obedecem e desampara os que Lhe desobedecem.

Boaventura Venâncio

## Repreendido o devorador

Em 1957, o Sr. Administrador do Concelho de Caconda mandou chamar a gente do Posto Sede para lhe distribuir semente de trigo. Eu fui e recebi um saco de trigo para semear. Cresceu bem, mas em certa altura veio uma praga de bichos que começaram a devorar a plantação.

Ouvi que havia um senhor que vendia remédio para matar tais bichos. Minha filha disse-me: «Ó papá, deixa-me pôr nesta água onde tens o remédio alguns bichitos para ver se morrem.» Pondo-os, nenhum morreu.

Por fim, fiz uma oração a Deus, depositando nas Suas mãos este caso.

No dia seguinte dirigi-me para a la-

vra. Aproximando-me, vi um bando de pássaros levantar vôo. Quando cheguei à lavra, verifiquei que não havia bichos. Os pássaros tinham-nos comido todos. Por este meio se cumpriu a promessa do Senhor, que se encontra em Malaquias 3:11, sobre o repreender o devorador.

Maurício Nunes

### Aprendeu pelo sofrimento

O século de uma escola tinha muita sorte. Sempre tinha boas colheitas de batata e trigo; comprou bois, charrua e uma bicicleta.

Estava muito contente porque tinha mais dinheiro do que os outros e começou a gabar-se. Mas não pagava o seu dízimo fielmente.

Os bois dos outros começaram a adoecer. Ele ria-se, porque os seus próprios bois não adoeciam. Dizia: «Se me adoecer algum boi, mato-o, não espero».

A doença começou a entrar em sua casa: primeiro em sua esposa e depois nos seus quatro bois.

Os bois de um rapaz e do diácono não morreram. Diz ele que os bois dos outros não morreram, porque eles pagaram o seu dízimo fielmente. Aprendeu em sofrimento. É assim que Deus ensina os Seus filhos.

Isaias Messele

### O milho não acabou

Numa aldeia pertencente ao Distrito do Huambo, há um homem muito velho, vivendo em doce paz com sua esposa, também muito anciã. O referido casal, apesar da sua velhice e da extrema pobreza em que vive, é muito fiel no pagamento de dízimos e ofertas da Escola Sabatina.

É costume faltar mantimento nos celeiros dos angolanos durante o tempo chuvoso, sendo maior esta falta durante os meses que vão de Novembro a Fevereiro.

Nos meados de Dezembro de 1962, os anciãos acima referidos viram-se na premente necessidade de se alimentar,

pois não tinham milho suficiente. Do pequeno celeiro restavam apenas dois quilos, porção calculada de milho. A esposa, quando viu que tinha somente aquela porção do seu principal alimento ficou atônita, pois não sabia como passar o resto do tempo que ela considerava muito mau. Contudo ela não quis revelar ao marido a triste sorte que os ameaçava; mas este, adivinhando facilmente o prenúncio de mau tempo, (previdência oriunda de seus muitos anos de miséria), foi espreitar ao celeiro, talvez para certificar-se do mantimento que lhes restava. Mas ficou de igual modo perturbado quando compreendeu que não tinham mantimento senão para um ou dois dias. E conforme era seu antigo e diário costume, sem mais delongas, procurou levar o caso a Deus em oração. Oraram com fé junta e fervorosamente; e essa oração foi ouvida e atendida prontamente no dia seguinte.

Grande foi a sua admiração! Pois no dia seguinte, no canto do celeiro onde se vira apenas uma pequena porção de milho, viram agora mais de quinze quilos! Ainda para certeza e surpresa deles, rodaram pela aldeia a saber se algum dos vizinhos lhe trouxera aquele mantimento, ao que todos diziam que não. Compreenderam que foi Deus quem por eles operou aquele milagre. Comeram daquela porção muitos dias, sem se acabar nem diminuir, até que tiveram novas possibilidades de se manter. E assim se presenciou nesta terra africana o que Deus disse e cumpriu na terra de Sidon: «A farinha da panela se se não acabou, e da botija o azeite não faltou: conforme a palavra do Senhor que falara pelo ministério de Elias.»

Senhores, amigos e irmãos assinantes deste bom e recente «Boletim Adventista», não prometeremos doravante ser fiéis ao nosso Deus, dando-lhe fielmente o que d'Ele recebemos e que a Ele pertence por voto e lei?

Isaque Tadeu

---

## Visado pela Censura

# O vinho sem álcool na antiguidade

A Bíblia Sagrada é bem clara acerca dos malefícios do álcool.

No livro de Provérbios lemos: «O vinho é escarnecedor e a bebida forte alvoroçadora; e todo aquele que neles errar nunca será sábio.» (Prov. 20:1).

Por isso é dado o conselho para nem sequer para o vinho olharmos: «Não olhes para o vinho, quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo, e se escolta suavemente. No seu fim morderá como a cobra, e como o basilisco picará». (Prov. 23:31, 32).

Os reis o não deviam beber: «Não é próprio dos reis beber vinho, nem dos príncipes desejar bebida forte, para que não bebam e se esqueçam do estatuto e pervertam o juízo de todos os aflitos». (Prov. 31:4, 5).

Por sua vez, os sacerdotes deviam abster-se dele. A Arão e aos seus descendentes foi mandado: «Vinho e bebida forte tu e teus filhos contigo não bebereis, quando entrardes na tenda da congregação, para que não morrais; estatuto perpétuo será isso entre as vossas gerações; e para fazer diferença entre o santo e o profano, e entre o imundo e o limpo». (Lev. 10:9, 10).

Os malefícios do vinho sobre a mente humana são salientados nas seguintes palavras: «A incontidência, o vinho e o mosto tiram a inteligência». (Oseias 4:11). Por outro lado, é apontada a deformação do carácter do homem que «por ser dado ao vinho, é desleal». (Hab. 2:5).

Com razão é pronunciado um ai sobre aqueles que dão ou vendem ao seu próximo tão prejudicial bebida: «Ai daquele que dá de beber ao seu companheiro». (Hab. 2:15).

No Novo Testamento, é apresentada a norma geral do procedimento do cristão: «Quer comais, quer bebais, ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus». (1 Cor. 10:31). Por isso, o Apóstolo Paulo nos diz: «Não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito». (Efes. 5:18).

É certo que no Novo Testamento se lê acerca do uso do vinho, quer relativamente a Jesus, quer ao Apóstolo Paulo.

Nas bodas de Caná, vemos Jesus transformar a água em vinho; na última Ceia vemos-o instituir a participação do cálix do «fruto da vide» para comemorar o Seu sangue.

Por sua vez, o Apóstolo Paulo aconselha o seu colaborador Timóteo a ajudar a digestão com um pouco de vinho.

De que vinho se tratará?

Nas bodas de Caná não há qualquer razão para crer que se tratasse de vinho com álcool. Em primeiro lugar, porque por ocasião de um milagre instantâneo não é de esperar que se tenha operado o processo de fermentação normal, necessariamente demorado; além disso, não é possível que depois de os convivas terem bebido vinho alcoolizado, Jesus lhes desse mais vinho dessa natureza com perigo de se embriagarem.

Quanto à última Ceia, é de crer que se o pão não devia ter fermento, também o vinho não devia ter álcool. O pão ázimo e o vinho sem álcool eram símbolos bem adequados do Salvador que não foi maculado pela mancha do pecado. Aliás, note-se que o líquido então empregado não é chamado vinho, mas simplesmente «fruto da vide».

No caso do conselho dado pelo Apóstolo Paulo a Timóteo não é necessário que forçosamente se tenha referido a vinho com álcool. Como muito bem escreveu o Dr. J. H. Kellog: «Quem que- reria acreditar que S. Paulo tenha aconselhado a Timóteo o uso daquilo que, se este último não tivesse o estômago doente, seguramente o teria indisposto?»

O vinho sem álcool era usado nos tempos antigos e por vezes atribuíam-se-lhe propriedades medicinais.

Na sua *História Natural*, Plínio o Antigo que viveu no primeiro século da era cristã, refere-se ao uso dos vinhos sem álcool no seu tempo.

Continua na página 16

# A ESCOLA CEN

Dá-se o nome de Caúri a um pequeno outeiro, que fica situado a dezoito quilómetros de Nova Lisboa, perto da estrada que vai para Vila Flor e Quipeio.

É junto desse outeiro, que forneceu as pedras com que foi construída grande parte das casas de Nova Lisboa e donde se disfruta um vasto panorama, que se encontra a Escola Central de Caúri.

Há cerca de cinco anos, o sítio parecia improdutivo, de modo que alguns dos obreiros escolhidos para aqui trabalhar tinham dificuldade em aceitar, receando não se poderem manter.

Desde então tem-se tentado a cultura de cenouras e cebolas, e Deus tem abençoado estas culturas, de maneira que Caúri tem fornecido boas quantidades destas hortaliças a negociantes de Nova Lisboa e até de Luanda.

Tínhamos também grandes dificuldades com os alunos que vinham das aldeias, porque não traziam comida suficiente, de maneira que a frequência era muito irregular.

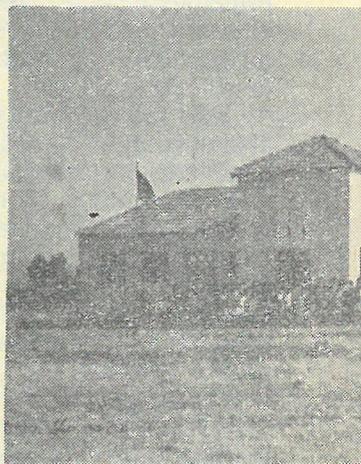
Em 1960 começámos a construir um dormitório para meninas. Os pais dos alunos deram a sua colaboração, fabricando os adobes. A água era trazida,

de cerca de meio quilómetro de distância, pelos bois do pastor e do professor. A construção das paredes foi levada a efeito pelos séculos, diáconos e catequistas das aldeias. A União forneceu as telhas e portas, e pagou ao carpinteiro que levantou o tecto.

Hoje, graças a Deus, temos um esplêndido dormitório, com bons quartos espaçosos e beliches para as alunas dormirem à vontade.

O dormitório tem um bom refeitório, onde rapazes e meninas comem juntos.

Em 1961, começámos a construir uma escola feita em adobes, com duas salas espaçosas (10<sup>m</sup> x 6<sup>m</sup>) e escritório. A escola tem uma torre, que dá um bom aspecto ao edifício para quem o vê de longe. Cada sala tem vinte carteiras duplas, com arma-

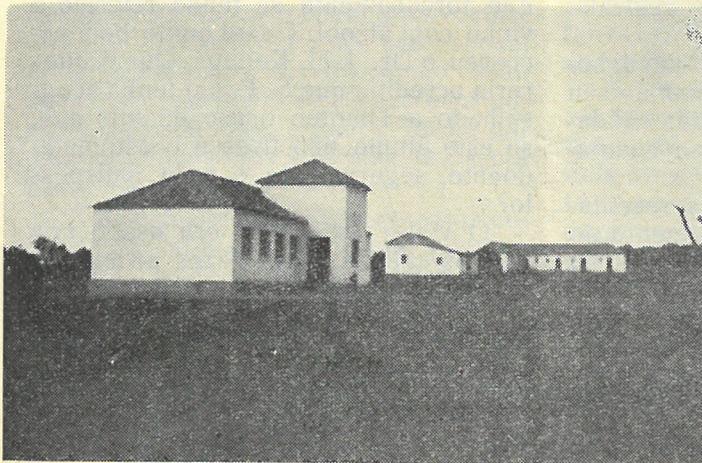


Caúri — Edifício

ção em ferro.

Em Setembro desse ano matricularam-se pela primeira vez oficialmente os alunos do Caúri — 68 ao todo. Quando chegou a altura dos exames, além das passagens de classe, foram submetidos a exame oficial 13 alunos da segunda classe, tendo passado 12.

No início do corrente ano lectivo, os pais estavam deveras interessados com os resultados



Caúri — Escola e Dormitório das Meninas

# NTRAL DE CAÚRI

por José Estêvão

do ano anterior. Assim matricularam-se 77 alunos, sendo 24 da Iniciação, 31 da primeira classe e 22 da segunda classe. Podíamos ter mais alunos, mas muitos foram rejeitados por não termos meios para os manter. Entre estes alunos encontram-se alguns que vieram de igrejas protestantes e católicas, e estão aprendendo os nossos princípios.

Os alunos encontram-se satisfeitos como demonstram sobretudo durante as horas de recreio. Os rapazes cotizaram-se e compraram uma bola, cujo jogo os entusiasma.

Têm comida suficiente, constando de pirão, feijão, peixe, óleo de palma e hortaliça proveniente da horta.

Este ano têm uma grande lavra de cenouras, com a qual contamos obter alguma receita para ajudar nas despesas.

de dízimo. O mesmo poderíamos dizer dos outros alunos. Vemos que não só aprendem a ler, escrever, falar, mas também são ensinados a trabalhar e a dar o dízimo.

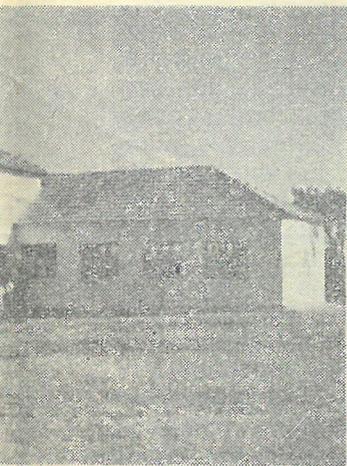
Além do dormitório das meninas e do edifício da escola, temos casas para o pastor e o professor.

O dormitório dos rapazes está a ser acabado, ficando com boas portas e cimentado, como sucedeu com o dormitório das meninas e a escola.

Aos Sábados temos belas reuniões da Escola Sabatina. É interessante vermos o programa desenrolar-se em português, com algum aluno a traduzir em umbundu.

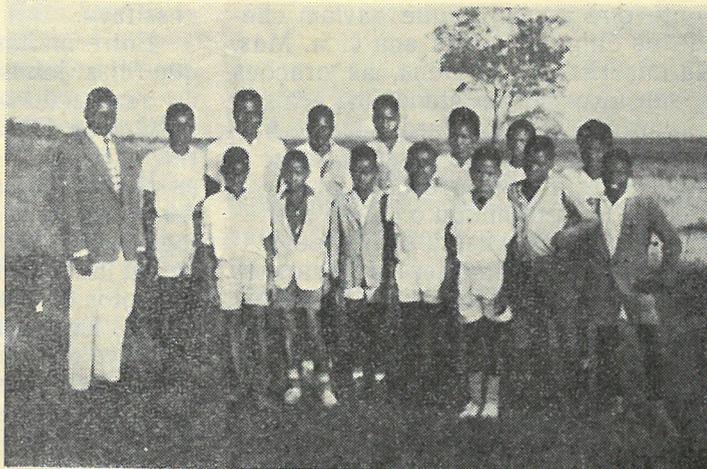
De quinze em quinze dias há reuniões dos Missionários Voluntários assim como das Classes Progressivas. Nesses programas o alunos têm revelado os seus talentos.

O trabalho que está sendo feito no Caúri visa a preparação de rapazes e meninas para continuarem os seus estudos no Instituto do Bongo. Ali esperamos que alguns sigam os Cursos de Catequistas ou de Enfermagem Auxiliar e venham mais tarde a tornar-se obreiros de valor no Movimento Adventista do Sétimo Dia em Angola.



o da Escola

Além das aulas, os alunos têm lições de agricultura, nas quais aprendem a cultivar o terreno. Cada aluno tem um talhão para fazer a sua própria horta. Depois de vendido o produto, o aluno paga o respectivo dízimo. Temos, por exemplo, o menino Julino Silvestre, que ganhou da sua pequena horta 100\$00 e deu 10\$00 de dízimo. Benjamim Evaristo ganhou 50\$00 e deu 5\$00



Caúri — Alunos propostos a exame de 2.ª classe em 1962

# RUTH A. JOHNSON

POR ALBERTA A. HODDE



*O artigo que a seguir publicamos foi escrito pouco depois de Miss Ruth Johnson ter saído do Bongo. Nessa altura encontrava-se nos Estados Unidos, onde os membros da igreja da localidade em que passou a viver lhe construíram e ofereceram uma casa. Infelizmente não*

*chegou a desfrutá-la durante muito tempo, pois veio a falecer em 21 de Maio de 1961.*

O dia 10 de Janeiro de 1961 foi um dia triste na Missão do Bongo. A própria Natureza se associou aos nossos sentimentos. Enquanto a chuva caía incessante, as lágrimas rolavam igualmente pelos rostos dos missionários, das crianças, dos doentes, dos jovens, tanto brancos como pretos. Uma grande missionária, uma verdadeira pioneira na Causa de Deus, ia sair do nosso meio. Depois de um almoço e programa de homenagem, a que quase toda a Missão, incluindo centenas de alunos e os vizinhos da povoação, assistiram, Miss Ruth Johnson começou a sua longa viagem para a América, via Portugal, que ela desejava ver mais uma vez. Semanas antes, Dona Ruth esteve tão doente que julgámos que haviam chegado os últimos dias da sua vida. Mas, pela misericórdia de Deus, as orações em seu favor foram atendidas, e a sua fé e coragem foram galardoadas de maneira tal, que lhe foi possível fazer a viagem para a sua terra natal.

Dona Ruth terminou o Curso de Enfermagem em Madison, Tennessee, Estados Unidos da América do Norte, em 1918. Depois de trabalhar em Hospitais particulares durante alguns anos, e a fim de ganhar almas por intermédio do trabalho médico, D. Ruth lançou-se no trabalho de enfermagem, de iniciativa própria, sem estar ligada a qualquer su-

porte financeiro. Em Meridian, no estado de Mississippi, U. S. A., abriu salas de tratamentos, onde muitas pessoas receberam auxílio por meio da hidroterapia. Em 1951 uma grande aspiração da vida de D. Ruth foi realizada, quando recebeu um convite da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, para ir trabalhar em terras missionárias. Em 28 de Agosto de 1960, D. Ruth completou 29 anos de serviço missionário, na Missão do Bongo, Angola. Quanto ela desejava ter completado os 30 anos de trabalho!

Quando D. Ruth chegou ao Bongo, não havia qualquer outra enfermeira, tendo ela tomado a direcção dos serviços clínicos. Durante longos anos, assistida pelos ajudantes nativos, atendia todos os doentes. Foi durante este período de tempo que o hospital lutou com inúmeras dificuldades. Não havia água canalizada. Pouco a pouco conseguiram camas para os doentes. Não havia suficiente roupa de cama. Não havia cozinha que fornecesse as refeições aos doentes. Frequentemente era Miss Johnson que supria as faltas. Usava os seus próprios lenços quando os do Hospital não chegavam. Muitos doentes pobres, quer europeus, quer nativos, recebiam comida da cozinha de D. Ruth. Jamais recusou auxílio a quem dele necessitava.

Entre muitas das nobres qualidades que Miss Johnson possui, a faculdade de adaptação a ajudou em muitas experiências. Durante anos D. Ruth esterilizou toda a roupa necessária para as operações, numa panela de pressão, de 20 litros de capacidade, sobre um fogareiro a carvão. A sua imaginação genial lhe permitia realizar grandes tratamentos com o equipamento mais primitivo. Enquanto o Dr. Parsons se encontrava em férias na América, D. Ruth teve interessantes experiências que só se podem classificar no grupo dos milagres. Enquanto trabalhava, orava, pe-

dindo a Deus que abençoasse os seus esforços em favor dos doentes. Deus recompensou a sua fé e trabalho árduo para salvar os sofredores. Por exemplo:

Um dia um pobre indígena chegou ao Hospital do Bongo, segurando com ambas as mãos um pano sujo, à maneira de avental, onde grande parte dos seus intestinos estavam depositados. Havia sido atacado por um boi que lhe rasgou o abdomen com um chifre. Durante a longa viagem para o hospital os intestinos começaram a sair pelo golpe feito pelo chifre do boi. Miss Johnson lavou cuidadosamente o intestino com sabão Lifebuoy, introduziu-o na cavidade abdominal, coseu, e passado pouco tempo o nosso herói regressava ao seu quimbo para continuar a sua vida normal.

Numa outra ocasião veio um nativo com  $\frac{3}{4}$  do lobo da orelha rasgado. De novo Miss Johnson aplicou os seus conhecimentos cirúrgicos, seguidos de tratamentos hidroterápicos, e o homem saiu do hospital com a orelha sarada, apenas um pouco mais decaída, mas de aparência normal.

Miss Johnson conseguiu realizar maravilhas por meio da hidroterapia e outros remédios naturais ao alcance de todos para o tratamento dos doentes.

O exemplo desta fiel enfermeira missionária tem sido uma inspiração para mim, desde a minha chegada ao Bongo em 1957. Recordo-me, logo no princípio da minha estadia aqui, que apesar do grande movimento do Hospital, nunca ouvi uma palavra de queixa ou fadiga da parte de D. Ruth. Por causa do grande amor que ela tinha ao povo e ao Hospital, estava sempre pronta a fazer o trabalho mais humilde ou aceitar o fardo de grandes responsabilidades. Numa ocasião, durante a ausência do Dr. Parsons, quando Miss Johnson tinha a responsabilidade do Hospital, encontrando-se no entanto doente e quase impossibilitada de se levantar, deixava a sua cama, ia ao Hospital, e sentada numa cadeira de repouso, via os doentes, dirigia o trabalho, e quando não podia resistir mais, voltava para a cama. Inúmeros foram os dias em que o trabalho de Miss Johnson

acompanhava os ponteiros do relógio durante as 24 horas, bastando-lhe uma pequena «sesta» para lhe restabelecer as forças. Não obstante, jamais profereu uma palavra de queixa ou uma manifestação de orgulho de seu sacrifício pela Causa de Deus.

Em 1958, D. Ruth optou por umas pequenas férias na África do Sul, em lugar das férias à sua terra natal, a que há muito tinha direito. Preferiu um curto retiro em terra estranha, do que ir à sua terra com a possibilidade de não obter licença de voltar à terra e ao povo que ela amava. Foi sempre seu desejo, antes dos últimos sofrimentos causados pela doença, ficar em Angola, aguardando a vinda de Jesus.

Miss Johnson era aquele tipo de enfermeira missionária que se costuma ler nos livros ou revistas, mas que raramente se encontra. Sinto-me feliz a grata a Deus pelo privilégio de associação com D. Ruth durante quase 4 anos. Nunca esquecerei os seus conselhos oportunos, quer no trabalho quer em problemas particulares. O seu espírito de sacrifício pelos filhos de Deus em sofrimento, e o seu amor pelo próximo, hão-de continuar a inspirar-me durante o resto da minha vida. Que a bênção de Deus continue sobre Miss Johnson, que de tão boa vontade e alegria deu tudo o que tinha e era para o avanço da causa de Deus nesta terra.

---

### Urgência do nosso trabalho

(Continuação da pág. 2)

para Si um povo Seu especial, zeloso de boas obras». (Tito 2:14).

Se temos desperdiçado as nossas oportunidades e desfalecido no nosso ânimo, é chegado o momento de começarmos a viver sob tensão, «remindo o tempo, porquanto os dias são maus». (Efes. 5:17).

Façamos as obras d'Aquele que nos enviou enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar.

# Histórias Africanas



## Ela não desonrou seu Salvador

Era ao cair da tarde. O sol pintava no céu do ocidente o quadro de beleza que só em Africa se pode contemplar. A natureza comunicava aos homens a placidez característica dessa hora,

Pela avenida de palmeiras que dava acesso à Missão, caminhava um dos membros da igreja. Era uma senhora em cuja vida se podiam ver diariamente os frutos do Espírito e em cujos olhos brilhava a luz que irradiava de uma alma convertida.

Mas nesse dia a sua expressão era triste, e, depois de ter cumprimentado os missionários, disse ao médico: «Senhor doutor, não me sinto bem. Não sei se não terei alguma doença grave.»

Ele fez-lhe uma ou duas perguntas, e em seguida disse-lhe: «Tenho pena de lhe dizer, porque a estimamos como a uma filha: a irmã tem a doença do sono».

De todas as doenças que naquele tempo afligiam a Africa, esta era a que fazia mais vítimas. Devido a ela, aldeias populosas e florescentes eram rapidamente dizimadas.

Assim, quando esta senhora ouviu dos lábios do médico a confirmação dos seus pressentimentos, e se voltou para regressar a casa, abafou um soluço na garganta, pois sabia qual o destino que a esperava. Sabia que iria emagrecendo e se tornaria uma sombra do que era actualmente. Sabia que os bons desejos e impulsos que tinham sido implantados no seu coração pelo Evangelho do Filho de Deus se apagariam, até que em vez de andar asseadamente vestida, como agora, podia voltar à vergonhosa

nudez de outrora. E sabia mais do que isso.

Sabia que um dia, quando estivesse sentada, talvez falando com as suas amigas, a sua cabeça tombaria e ela ficaria a dormir — a dormir numa sonolência estúpida como a de uma pessoa embriagada. E, ainda mais do que isso, ela sabia que, à medida que a doença estendesse os seus estragos, passado algum tempo a sua razão se obscureceria, e ela se tornaria uma estúpida idiota ou uma perigosa maníaca, capaz de queimar as casas de suas amigas ou mesmo de tirar as suas vidas. Ela sabia que teria de arrastar assim uma existência miserável, até que tudo terminasse com a morte.

No dia seguinte, estando ela na sua casa, alguém a ouviu a orar. Com que fervor ela orava! A sua voz angustiada devia atingir o próprio trono de Deus. Dizia ela: «Ó meu Pai que estás nos céus, disseste que eu tenho de morrer. Seja feita a Tua vontade. Mas uma coisa desejo pedir-Te. Quando a minha razão se perder com esta doença, não consintas, oh, não consintas que eu traga desonra ao nome de Teu Filho, amaldiçoando-O ou negando as Suas palavras!» E continuando a orar, as frases seguiam-se, uma após outra, exprimindo a sua agonia de alma e o único desejo que a absorvia de não trazer desonra ou vergonha para a causa d'Aquele que a tinha salvo com tão grande salvação.

Sucedeu precisamente o que tinha sido predito pelo médico e ela esperava. Dentro em pouco, ela aparecia diariamente no terreno da Missão. Já não era

# O Copo de Veneno

por Tomás Ribeiro

Ai do homem que em dia de mau fado,  
desejando acalmar esta fadiga  
que se chama viver,  
quis afogar a dor que a tanto obriga,  
e ao social banquete festejado  
foi pedir de beber!...

Preside à mesa o sórdido egoísmo,  
cortejando as paixões dos seus convivas  
na torpe bacanal,  
onde transborda em gotas corrosivas  
o veneno letal do mundanismo,  
das taças de cristal.

a senhora modesta e asseada de há pouco. Arrastava-se longas horas de sono, ao sol, esfarrapada e suja. Nos seus delírios falava, ora de coisas maravilhosas, ora de coisas terríveis.

Finalmente, uma manhã, avisaram o director da missão de que, se queria ver aquela senhora com vida, fosse imediatamente, porque ela estava agonizante.

Tendo logo partido, encontrou-a com a cabeça reclinada sobre os joelhos de seu esposo. Falou a este e aos circunstantes acerca da fé e da paciência daquela irmã, e de tudo o que a sua vida tinha significado para a igreja.

Nesse momento sucedeu algo que fez brilhar o sorriso no meio das lágrimas dos presentes. Seu amoroso Pai do Céu restituiu-lhes a razão, tão lúcida como outrora. Olhando para o rosto de seu marido, perguntou:

— Tenho estado doida, não tenho?

— Sim, respondeu ele. Tens estado doida há muito tempo.

Então ela perguntou — e quem pode imaginar com que ansiedade fez essa pergunta — «Enquanto estive doida amaldiçoei o meu Salvador? Neguei-O eu?»

— Não, foi a resposta, tu nunca O amaldiçoaste nem O negaste.

Deus tinha respondido à sua oração. Com o rosto brilhando de plácida serenidade, disse: «Estou satisfeita; posso agora descansar.»

Na manhã da ressurreição, quão melodiosas lhe soarão as boas-vindas d'Aquele a quem ela teve o privilégio de sempre honrar na sua vida de crente!

O monstro sanguinário da vingança,  
disfarçadas as garras e a cabeça,  
tem lugar de honra ali.

Qual do inferno de Dante à porta espessa:  
— Ó vós que entraís, deixai cá fora a esperança,  
ou não entreis; fugi!

Gota a gota nas taças transparentes  
cai a baba pestifera, nojosa,  
desse monstro fatal!

Lá, se infiltra o veneno em cada rosa;  
lá, se exaure dos lumes rescentes  
do vinho, do cristal!

Ai do homem que em dia de mau fado,  
desejando acalmar esta fadiga  
que se chama viver,  
para afogar a dor que a tanto obriga,  
no social banquete festejado  
entrou, e quis beber!...

Do relógio da vida estala a corda;  
para a existência bonançosa e rica  
do infeliz que bebeu!

O caído ponteiro nos indica  
que uma vida chegou do abismo à borda;  
que uma alma se perdeu!

Outro relógio então, e o delírio,  
saltitante, veloz, descompassado,  
na incerta rotação,  
marca os baques do homem despenhado;  
as tenebrosas fases do martírio;  
os estos da paixão!

A vertigem alenta-lhe a peçonha;  
do crime o sorvedeiro abre a garganta;  
o possesso caiu  
no vórtice infernal que o não espanta;  
desce, e se abisma na espiral medonha,  
e nunca mais surgiu!

De queda em queda, ao mundo dos horrores,  
pobre estrangeiro que ninguém conhece  
pôde chegar emfim!...

Vigia as trevas luz que se amortece...  
O chão se alastra de pisadas flores!...  
São restos dum festim!...

.....

Ai do homem que em dia malfadado,  
desejando acalmar esta fadiga  
que se chama viver,  
para afogar a dor que a tanto obriga,  
de sobre a mesa um copo envenenado  
tomou e ousou beber!...

(D. Jaime, Canto VI).

# Notícias do Campo

## Benguela

No passado dia 22 de Dezembro, baptizaram-se na Igreja de Benguela quatro novos membros. São eles as Irmãs Alice Fragoso, Alice Lopes, Francisca Medina e o Irmão Sebastião Morgado. Foi um dia muito feliz para a Igreja e desejamos partilhar com os leitores do «Boletim», em breve relato, a experiência destes novos Irmãos.

A Irmã Alice Fragoso vivia em Novo Redondo, onde seu marido estava empregado. Teve o primeiro contacto com o Evangelho por intermédio de D. Fernanda Reis, senhora das suas relações que frequenta a nossa Igreja. Tão interessada ficou com o que esta senhora lhe disse que, ao fixar-se em Benguela, quis ir logo à Igreja Adventista. Ainda nos lembramos da sua primeira visita à nossa Igreja, acompanhada de seu marido e filho, há cerca de um ano. Desde então, nunca mais faltou às reuniões. Seu marido deixou de beber e de fumar e anseia pelo dia em que se possa baptizar também. Seu filho, Victor, de 9 anos, é um bom M. V. e dedicado colaborador dos programas juvenis. A nossa Irmã sente-se muito feliz com a sua nova vida em Cristo e não se esqueceu de testemunhar, publicamente, a sua gratidão para com a senhora que lhe deu a conhecer a Mensagem e que teve também a satisfação de assistir ao seu baptismo.

Em certo Sábado, notámos a presença de uma senhora que nos visitava pela primeira vez. Já a conhecíamos de vista. Filiada nos organismos de assistência e de acção missionária da sua Igreja, D. Alice Lopes, que mantinha numerosas relações em Benguela, em razão dos cargos que ocupava, era também ouvinte assídua e interessada da «Voz da Profecia». Inscrevera-se no Curso Bíblico do Rio de Janeiro e trocava correspondência sobre selos com uma Irmã daquele departamento. Entretanto a Mensagem fazia a sua obra e a nossa futura Irmã teve de romper com os seus antigos laços religiosos. Hoje a Irmã Alice Lopes, coadjuvada por outras Irmãs, está fazendo uma obra notável na Cadeia Civil, e a todas as pessoas que lhe perguntam por que mudou de religião, responde: «Leia a Bíblia e saberá por que mudei».

Quem se aproxime de uma das montras do Stand Ciclista, no Lobito, um dos principais estabelecimentos do género na cidade, notará, em sítio bem visível, este leiteiro: «Fechado aos Sábados». Se o transeunte intrigado entrar no estabelecimento e perguntar ao seu proprietário a razão daquele encerramento ao Sábado, este responder-lhe-á, com um sorriso amável e sem a menor hesitação: «Sou Adventista do Sétimo Dia». Com efeito, o Irmão Morgado resolveu há muitos meses atrás encerrar o seu estabelecimento aos Sábados pa-

ra poder ser membro da Igreja Adventista. A sua resolução não foi um impulso irreflectido, mas uma decisão calma e sincera de quem está disposto a fazer a vontade de Deus e a sofrer os riscos. Mas os riscos, neste caso, nunca contam, porque os mandamentos de Deus não são pesados para os que O amam. afirmou o nosso Irmão no seu impressionante testemunho que, apesar de ter o seu estabelecimento fechado ao Sábado, as suas vendas semanais têm aumentado. Aqui temos uma prova de que o Senhor não põe o Seu jugo sobre os Seus filhos para os tornar infelizes. Este irmão está grato pela prosperidade que o Senhor lhe acrescentou em resultado da sua consagração e todos em sua casa se alegram no Senhor.

D. Francisca Medina é uma senhora espanhola, de 85 anos. Vive em Benguela há muitos anos com sua filha, netas e bisnetos. Conheceu o Evangelho por intermédio de sua neta, a Irmã Lourdes Feres, baptizada no princípio do ano. Apesar do Seu precário estado de saúde, é raro faltar às reuniões. Chorava por lhe dizermos que não podia ser baptizada devido ao seu mal cardíaco. Finalmente, depois de termos consultado o Dr. Parsons, chegou o grande dia do baptismo para a nossa irmã. O seu coração estava tão cheio de alegria por se tornar numa nova filha de Deus que não havia nele lugar para a doença! Foi um espectáculo comovido ver esta anciã descer às águas baptismas e ouvir-lhe dizer que se voltasse a ser menina não esperaria tanto tempo para se baptizar.

O Senhor conceda a estes novos Irmãos a graça necessária para viverem sempre de acordo com os ensinamentos da Sua Palavra.—António C. Lopes.

## Lobito

A nossa igreja esteve em festa no passado dia 29. Algumas Irmãs de verdadeira boa vontade organizaram e levaram a efeito uma pequena festa de Natal que foi muito apreciada pelos Irmãos e pelas numerosas visitas presentes. Do programa constaram lindos hinos alusivos à quadra, números de piano, poesias e diálogos, que foram muito bem apresentados pelos nossos jovens. Foi notável a boa colaboração prestada por todos e desejamos que isso anime a Irmã Palmira Coelho a deitar mãos à boa obra de nos apresentar para breve outro programa de jovens.

Também na nossa Igreja, todas as terças feiras, pelas 20,45, estão a ser apresentadas projecções sobre temas bíblicos com comentários gravados, que têm despertado o maior interesse não só entre os membros mas também entre os visitantes. A sala tem-se enchido frequentemente, ficando algumas pessoas de pé. Em resultado deste trabalho já algumas pes-

soas estão a frequentar a Escola Sabatina e a assistir aos cultos de Sábado. Que o Senhor Se digno abençoar a Obra neste lugar.

Maria Manuela Câmara

## Moçâmedes

Na pequena cidade de Moçâmedes, a «Princesa do Namibe», como é conhecida, situada no litoral do Sul de Angola e servida por um belo porto que é a porta de entrada especialmente para o Planalto da Huila, temos uma pequena Igreja, apenas com 59 membros, alguns já militando no exército de Jesus há alguns anos, durante uma parte dos quais estiveram sós, sem obreiro privativo. Durante esses anos este pequeno grupo trabalhou activamente para que a luz do Evangelho brilhasse em muitos corações e não foi em vão o seu esforço, pois muitas vezes lá foram pastores para mergulhar nas águas baptismas as almas que se convertiam.

Com o decorrer dos anos e em resultado da actividade de diversos obreiros que trabalharam nesta bela cidade, auxiliados pela boa vontade de abnegados irmãos, a Igreja cresceu e muitas vitórias alcançou.

No último ano, o de 1962, podíamos assinalar êxitos em todos os Departamentos da Obra de Deus, mas isso ocuparia muito espaço, e por isso, em poucas palavras, desejo levar ao conhecimento dos Irmãos o que foi possível fazer-se no capítulo de beneficência, pela Sociedade de Dorcas.

Devido à falta de fundos, durante nove meses, nos quais procurámos juntar todas as migalhinhas, a Sociedade esteve inactiva, assim podemos dizer; mas, nos últimos três meses do ano, embora ainda com poucos recursos, começaram as suas actividades, reunindo-se várias irmãs, uma vez por semana, para confeccionarem roupas, transformarem outras usadas, compradas ou oferecidas, tendo em vista uma distribuição aos pobres, pelo Natal.

Graças às referidas Irmãs e ainda a outras que a muitas portas bateram pedindo auxílio, um grande trabalho foi possível fazer-se, pois poucos dias antes do Natal realizámos uma reunião especial, a mais concorrida de todas as reuniões, na qual, além de termos alimentado as almas com o «Pão da Vida», fizemos uma grande distribuição de roupas e géneros alimentícios, no valor de alguns milhares de escudos, a muitos pobres, não só da igreja, como de fora.

Foi uma abençoada reunião, da qual, esperamos, com o auxílio de Deus, vir a colher bons frutos para o Reino dos Céus. Oxalá que assim seja e que as preciosas bênçãos de Deus sejam derramadas sobre a nossa Igreja que queremos tornar um farol de luz bem brilhante, e sobre toda a Obra do Senhor em toda a parte, mas de um modo particular em Angola, são os votos do vosso:

— João A. Esteves.

## Sá da Bandeira

Não podia escrever este artigo para o nosso «Boletim Adventista» sem primeiramente mencionar o facto de que era uma necessidade termos um Boletim à altura das necessidades do campo angolano. Desejo apresentar pessoalmente as minhas felicitações por esta realização da publicação do nosso Boletim, para o qual todos nós desejamos dar o nosso contributo. Ao escrever estas linhas aproveitei a oportunidade para mencionar algumas experiências que diariamente surgem no campo missionário, e que muito contribuem para nos fortalecer a nossa fé.

Temos presentemente um casal a frequentar a Igreja, a quem falámos da mensagem do Senhor há longo tempo, em Luanda. Este casal disse-nos há bem pouco tempo que nunca tinha esquecido as palavras que lhes dissemos convidando-os a frequentar a Igreja de Luanda. Minha esposa convidou-os a assistirem aos cultos, porém não ficámos a saber se realmente eles lá teriam ido. A semente que fora lançada veio a germinar em Sá da Bandeira, e este casal frequenta agora regularmente os cultos e desejam baptizar-se. Estamos dando estudos regulares em sua própria casa e oramos ao Senhor para que façam a sua decisão completa através das águas do baptismo. Vemos assim que a Palavra de Deus não volta para Ele vazia, mas faz o que Lhe apraz e prosperará naquilo para que foi enviada.

Ao passarmos recentemente em Luanda, tive oportunidade de fazer um apelo a uma senhora funcionária que se mostrou interessada em ouvir as verdades da Triplíce Mensagem do Advento. Foi para nós uma surpresa quando recebemos já em Sá da Bandeira uma carta de uma colega da mesma senhora, dizendo que iríamos ficar admirados ao saber-mos que ela tinha ido à Igreja e que se encontrava muito satisfeita. Logo recebi mais tarde uma carta da primeira senhora em que me dizia que estava a frequentar a Igreja e que já tinha levado o seu próprio marido. Entretanto fomos recebendo mais notícias desta senhora, e agora surge o problema da observância do Sábado, se é que é problema! Estamos orando continuamente para que o Senhor a leve a uma decisão completa da aceitação de Cristo como seu Salvador pessoal e da observância dos Seus mandamentos.

Por vezes sucede que nem sempre vemos frutos correspondentes aos nossos esforços, e as coisas parecem apresentar-se um tanto veladas à vista humana, mas para o Senhor nada passa despercebido, e a Sua Palavra faz sempre aquilo que Lhe apraz. Quantos irmãos e irmãs por vezes nos dizem: Veja, irmão, fizemos tantos contactos e distribuímos tantos folhetos, demos tantos estudos bíblicos e parece que não se vêem resultados em almas decididas a seguirem a verdade. Que dizem as Escrituras? Assim como o semeador lança a semente no campo e germina dando o seu fruto através do sacrifício e esforço do semeador, que recebe as bênçãos de Deus, da mesma maneira a semente da Palavra de Deus levada pe-

los Seus mensageiros produz os seus frutos. «Os que semeiam em lágrimas segarão com alegria; aquele que leva a preciosa semente andando e chorando, voltará sem dúvida com alegria, trazendo consigo os seus molhos.» (Salmo 126:5, 7). E ao terminar, apelo a todo o membro de Igreja que continue a lançar a semente da preciosa Verdade, não perdendo de vista o urgente apelo de S. Paulo, que nos diz: «Remindo o tempo; porquanto os dias são maus». (Efésios 5:16). **Américo J. Rodrigues.**

## Nova Lisboa

Nos passados dias 18 a 20 de Janeiro realizou-se o primeiro congresso da Igreja Europeia de Nova Lisboa.

Como logo a seguir teve lugar o Conselho anual dos obreiros das igrejas europeias de Angola, foram eles que pregaram em quase todas as reuniões.

Na sexta-feira à noite, iniciou-se o Congresso com uma pregação do Pastor António Lopes.

No Sábado de manhã e à noite, pregou o Pastor Juvenal Gomes. Nesse mesmo dia à tarde, realizou-se uma inspiradora cerimónia baptismal. Depois de um estudo bíblico sobre o baptismo pelo Pastor Américo Rodrigues, oito almas desceram às águas, dando assim o seu público testemunho de entregarem as suas vidas ao serviço do Mestre.

No Domingo de manhã, tivemos o prazer de ouvir o Ir. João Esteves num inspirado estudo bíblico. À tarde, realizou-se uma cerimónia de investiduras das Classes Progressivas. 14 Jovens receberam os seus emblemas, depois de terem apresentado um vivo programa, tendo-se salientado as demonstrações práticas de Corte e de Primeiros Socorros. À noite, terminou o Congresso com uma pregação pelo Ir. Américo Rodrigues, no fim da qual numeroso grupo de pessoas avançaram até à tribuna, consagrando as suas vidas ao Senhor.

Nas diferentes reuniões fizeram-se ouvir variados cânticos especiais, destacando-se particularmente o coro dos irmãos nativos, que se apresentou duas vezes, e o grupo dos obreiros de Nova Lisboa e suas famílias.

Apesar de ter sido o primeiro nesta cidade, pode dizer-se que foi um congresso ricamente abençoado.

E. F.

## O vinho sem álcool na antiguidade

Continuação da pág. 10

Vinha em primeiro lugar a concentração de mosto, conhecida em Portugal por «arrobe», obtida pela desidratação de uvas maduras. Conforme as regiões, recebia dos romanos a designação de *sireu*, *hepsema* e *sapa*, quando o mosto ficava reduzido a um terço do volume primitivo; se ficava reduzido a me-

tade chamava-se *defruto*.» (Plínio, *História Natural*, Liv. XIV, cap. 11).

Lucius Columella, escritor romano oriundo de Espanha, também do século I da era cristã, no seu livro *Da Agricultura* apresenta pormenores interessantes sobre a maneira de preparar o arrobe: «Colheremos as uvas o mais maduras possível e, depois de terem sido esmagadas, levaremos o sumo da tina para as vasilhas em que deve ser fervido... Aqueceremos a fornalha, a princípio com um fogo suave e com apenas pedaços de lenha muito pequenos, a que o povo chama *cremia*, de maneira que o mosto possa ferver devagar. Em seguida, quando a vasilha pode suportar um fogo mais forte, isto é, quando o mosto tendo já em parte sido reduzido pela fervura, se encontra em estado de fervura interna, serão postos debaixo ramos e pedaços maiores de lenha». (Columella, *Da Agricultura*, Liv. XII, cap. 19).

O arrobe assim obtido dava uma bebida agradável, quando adicionado à água.

Havia em seguida o vinho esterilizado pelo frio, designado pelos gregos por *aigleucos* e pelos latinos por *semper mustum* (sempre mosto). Depois de espremidas as uvas, o líquido era guardado em recipientes hermêticamente fechados e mergulhados em água fria até à época do gelo. (Plínio *H. N.*, *ibidem*). Segundo Columella, o vinho assim obtido conservava-se sem álcool durante um ano. (*Da Agric.*, Liv. XII, cap. 29).

Havia finalmente os mostos esterilizadas pelo calor. A propósito da sua preparação, lemos: «Põem-se a ferver vinte 'sextários' de mosto branco misturados com dez 'sextários' de água, até que a mistura fique reduzida a dois terços do volume inicial. ... *Esta bebida é dada aos doentes, a quem se receia que o vinho possa ser prejudicial.*» (Plínio. *H. N.*, Liv. XIV, cap. 27).

Vemos, assim, que no tempo de S. Paulo já se conheciam métodos de preparação e preservação de vinho sem álcool, e que este era por vezes usado para fins medicinais.

E. F.